

EDUCAÇÃO

Grego e latim arrebatam universidades

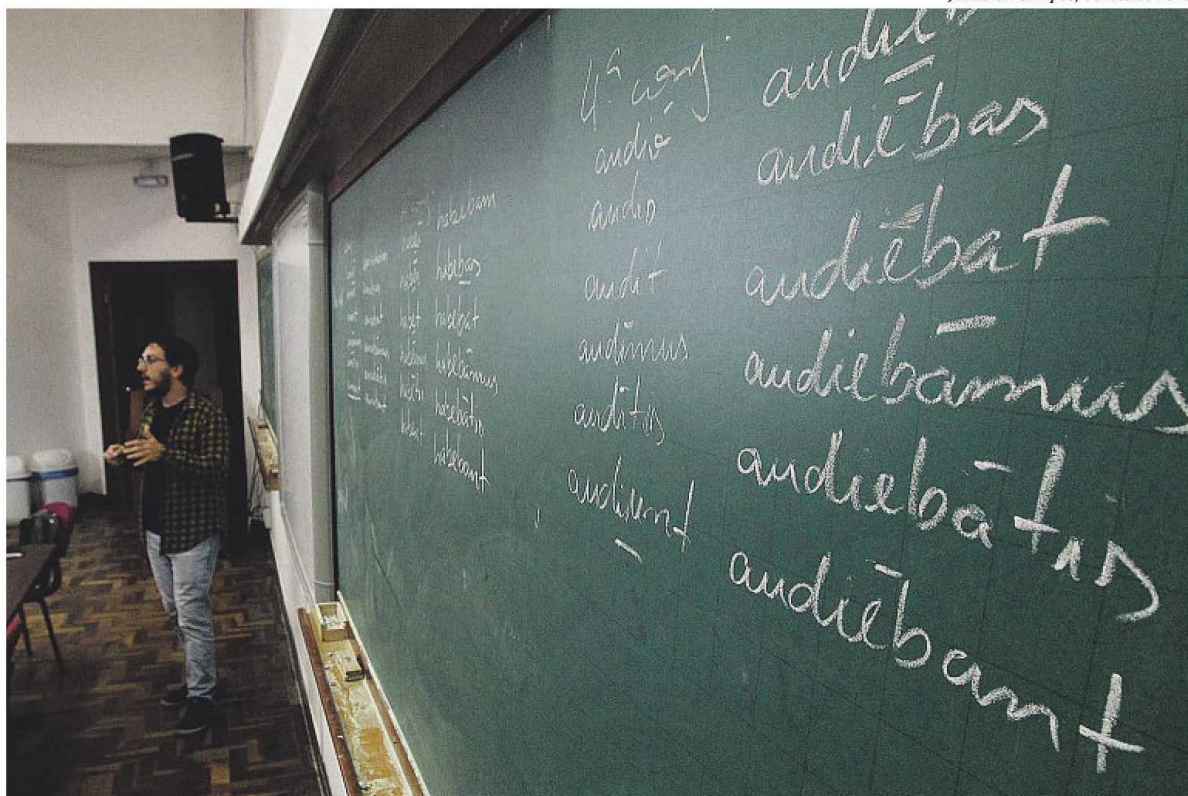
Página 14

* CLÁSSICAS

Latim e grego ganham força no Brasil

Jonathan Campos/Gazeta do Povo

Ensino das línguas clássicas está em alta no país, incentivado pelo interesse de pesquisadores e por obras da cultura pop inspiradas pela mitologia grega



Aula de latim na UFPR: interesse por textos históricos escritos no idioma e pelo aprofundamento na cultura.

Denise Drechsel

■ Certo: há uma discussão mundial se o grego antigo e o latim deveriam continuar no currículo no ensino médio, principalmente em países como França e Inglaterra. Mas é certo também que o interesse por essas duas línguas clássicas tem crescido em universidades de diversos países e também no Brasil. Os motivos são tão complexos quanto a vivacidade desses dois idiomas — um considerado morto (o latim), porninguém hoje aprendê-lo como primeira língua, e o outro (grego clássico) suplantado após 25 séculos de modificações da fala da antiga Atenas.

Latim

No caso do latim, nas últimas décadas, diversas universidades públicas, como a USP, a **Unicamp**, a UFRJ, a UFMG, a Unesp em Araraquara e a UFPR, criaram centros importantes de estudo da língua. Pelo aumento da procura, nasceram vários cursos de mestrado e doutorado em todo o país. “Temos recebido 30 alunos de latim em nossas aulas por ano, o que é um Woodstock para nós”, brinca o professor Rodrigo Gonçalves, professor de Língua e Literatura Latina na UFPR, lembrando que, há 20 anos, eram poucos os alunos e os professores do curso.

Em geral, os que escolhem estudar a língua nas universidades públicas são alunos de História e Filosofia interessados em ler textos para pesquisas, assim como estudantes de cursos como Publicidade e

Medicina. “Acabou a concepção do latim como sendo o único instrumento capaz de acessar uma certa civilização elitizada”, diz. “Isso acaba gerando interesses mais autênticos pela língua e pela cultura, se comparados à relação da língua com a religião e o Direito.”

O professor lembra que o latim é talvez a língua que tenha mais documentos importantes escritos na história da humanidade e que hoje continua a ser usada em vários âmbitos. Pensadores que marcaram a história da civilização e de estudo obrigatório em algumas carreiras, como Karl Marx, publicaram textos neste idioma. “A atestação de textos e inscrição em latim começa nos séculos VI e V antes de Cristo e pessoas escrevem e leem em latim até hoje”, diz.

Já o grego clássico, diferentemente do moderno, também vê ampliar o número de estudantes. Além das escolas

particulares que sempre ofeceram a língua como atividade extracurricular — e outras que passaram a dar a matéria a pedido de alunos após o sucesso editorial de sagas como as de Harry Potter e Percy Jackson, inspiradas na mitologia grega —, há iniciativas de ensinar o grego em escolas públicas, como faz um grupo de pesquisadores da USP em São Paulo. “Os estudos clássicos estão bem vivos no Brasil, e professores estrangeiros que visitam nosso país se surpreendem com isso”, diz o professor da **Unicamp** Paulo Vasconcelos, do Instituto de Estudos da Linguagem.

Também prospera o conhecimento de que, para entender os desafios do mundo de hoje, esse conhecimento é essencial. “Costumo dizer aos meus alunos que quem quiser entender o Ocidente tem de conhecer a filosofia grega, o direito romano e a religião judaico-cristã”, diz Roosevelt Rocha, professor de grego do departamento de Linguística da UFPR. “Ao final do curso, eles adquirem uma visão profunda da cultura ocidental. Sem o conhecimento do grego, é como tomar um suco de laranja de saquinho. Só descobre a diferença quando experimenta o sumo”, compara.

LÍNGUA MORTA

Tecnicamente, considera-se morta uma língua sem nativos vivos, ou seja, sem indivíduos que a adquiriram como primeiro idioma. Uma língua pode renascer, como ocorreu com o hebraico, ensinando crianças de uma comunidade por várias gerações. O caso do latim, porém, é polêmico. Não há nativos vivos, mas como ele nunca deixou de ser usado na escrita — na educação, para funções notariais, etc. — muitos acreditam que o idioma nunca “morreu” de verdade.

“Ao final do curso [de grego], eles [os alunos] adquirem uma visão profunda da cultura ocidental.”

Roosevelt Rocha, professor de grego do departamento de Linguística da UFPR.

Jovens inspiram mudanças no material didático

■ A atração de um público mais jovem para o estudo das línguas clássicas inspirou o surgimento de um material

didático diferente das antigas gramáticas latinas. “O método não é a mesma coisa que uma gramática. Há uma progressão pensada e sistemática”, explica Rodrigo Gonçalves, professor de Língua e Literatura Latina na UFPR. “Os estudos que fomentam os novos materiais didáticos na

área de letras clássicas são os mesmos para os materiais de língua moderna”, continua.

Um deles, para o ensino de latim, foi criado pela Universidade de Cambridge, o *Reading Latin* (editado no Brasil pela Editora Odysseus sob o título *Aprendendo Latim*). Nos últimos anos, o sistema didá-

tico do professor José Amante, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), reunido no site latinasbrasil.org, passou a ser referência obrigatória no estudo da língua no Brasil.

No caso do grego, o *Aprendendo Grego*, criado pela Joint Association of Classical Tea-

chers, também editado no Brasil pela Odysseus, é o material mais adotado. Há outros livros de produção nacional de boa qualidade como o *Helleniká: introdução ao grego antigo*, de Jacyntho Lins Brandão, Maria Olívia de Quadros Saraiva e Celina Figueiredo Lage, da Editora UFMG. (DD)